



## IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### Portugal, território de territórios

---

ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação [ST]

---

**EU NÃO NASCI NO SAMBA, MAS O SAMBA NASCEU EM MIM. O QUE DIZER DA  
CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE?**

---

SILVA, Gabriela Tavares Candido da  
Mestranda em do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem, UENF,  
[gabrielatcandido@gmail.com](mailto:gabrielatcandido@gmail.com)

---

NASCIMENTO, Giovane do  
Professor do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem , UENF,  
[giovanedonascimento@gmail.com](mailto:giovanedonascimento@gmail.com)



#### Resumo

O texto pretende relacionar temas tais como identidade, representação cultural e subjetividade como os contextos de criação do samba e de sua simbologia. É importante notar, para não fugir ao óbvio, que este trabalho não busca resolver certas querelas antigas relacionadas aos samba, afinal, sua solução estaria em franca contradição com o próprio propósito do trabalho, que é o de interrogar-se sobre um fenômeno cultural que por mais que se tentem definir ele teimosamente insiste em se reinventar.

#### Abstract

The text aims to relate themes such as identity, cultural representation and subjectivity as the contexts of creation of samba and its symbolism. It is important to note, not to escape the obvious, that this work does not seek to resolve certain old disputes associated to samba, after all, their solution would be in open contradiction with the purpose of work, which is to ask themselves about a cultural phenomenon that no matter how hard you try to define it stubbornly insists on reinventing.

Palavras-chave: samba; identidade; pertencimento.

Keywords: samba; identity; belonging.

[COM0462]



## **Introdução**

A identificação que temos com uma determinada cultura e sua representação social ou política, entre outras categorias, por vezes nos remonta a reflexões sobre as noções de pertencimento, de afetividade e de práticas coletivas, conduzindo-nos a um jogo constante ora de distinção, ora de afinidade. Nesse sentido, podemos nos perguntar por que nos identificamos com uma determinada expressão cultural? E, por conseguinte, por que ao “escolhermos” determinadas expressões culturais estaríamos, em princípio, nos abstendo de outras tantas expressões? E, finalmente, será mesmo que podemos falar em escolhas? E esta seria resultante de um processo de decisão consciente, premeditada e calculada das nossas ações? Ou podemos pensar que existem outros atributos que interferem nesse processo de adesão?

Essas são algumas das questões levantadas nesse trabalho. E, para fins de nossos interesses, procuraremos conduzi-las tomando o samba como nosso mote.

### **1. Quais são os mistérios do samba?**

Evidentemente nos colocamos uma pergunta retórica, afinal, nossa intenção não está em responder esta pergunta, o que seria uma pretensão inglória. Tantos estudiosos trabalharam duramente sobre essa temática, ora para fins históricos, sociais, ora visando estudos antropológicos e culturais, e o que percebo nas intenções de curiosos e intelectuais que os fazem é que há tanto desejo de chegar às raízes centenárias do samba, que as características de seus trabalhos se fundem com o prazer de trazer outras perspectivas e ângulos variados sobre o tema – talvez com a finalidade de compartilhar outros saberes, outras práticas e outros olhares. Apelando para uma metáfora imagética poderíamos dizer que seria como tomar uma fotografia gélida e compacta e tentar imaginar o que a imagem representou em seu tempo, ou ainda como desconfigurar a imagem pronta a fim de tentar tornar dinâmica as impressões, gestos, olhares, indumentárias, cores e todos outros símbolos que a imagem congelada importa.

Tomaremos esse caminho porque compreendemos que estes olhares diversos sobre as “histórias ocultas” que o samba traz são partes de um quebra cabeça que, com certeza, nunca chegaremos a arrumar. Esse esforço aparentemente inglório ao invés de nos causar desânimo, ao contrário, se torna ainda mais convidativo deixando-nos mais envolvidos com a questão, é como se houvesse uma satisfação implícita, o simples lidar com a questão já se torna um desafio, e aprendemos que o Samba não pode ser entendido de maneira unívoca. O samba é um código social tão singular de nossa cultura afrodescendente que trabalhá-lo de forma fragmentada nos garante uma imersão sociológica inigualável. Desta forma, buscamos neste trabalho uma análise, ainda que inicial, sobre a identidade de um povo que tem o samba como representação social e histórica. Vale dizer também que, algumas incursões literárias em Hermano Vianna, Gilberto Velho, Muniz Sodré, Stuart Hall, Zygmunt Bauman, entre outros foram de grande valia para este estudo contribuindo, seja para uma melhor explicitação do que se entende por identidade, ou, ainda por representação, adaptando tais conceitos ao que se refere especificamente à temática do samba. Talvez esteja aí o mistério do samba: na imensa e variável gama de intenções e provocações que despertaram em alguns de nossos autores e para nós mesmos a aceitação do desafio da sua constante (re)criação.

#### **1.1 O jogo de sedução, encantamento e paixão**

Em *O mistério do samba* (2012) Hermano Vianna trabalha com algumas categorias importantes, como “afro-brasileiro”, “heterogeneidade cultural”, conceitos que toma emprestado do seu professor o estudioso Gilberto Velho em *Individualismo e Cultura* (1981), além de “brasilidade” e “mediadores transculturais”. Em que pese o rigor conceitual das definições tomadas por Hermano Vianna, em nenhum momento o autor se preocupou em apresentar uma definição, ou uma (de) delimitação dos conceitos, na medida em que reconhece a importância da plasticidade do tema. O que nos interessa é que o mistério, o qual Vianna se propõe a desvendar, tem muito mais a ver com a aventura de se deixar envolver com o jogo incessante de

construção e desconstrução de sentido, são fragmentos que nos movem ora para o morro, ora para a cidade, da beleza do desconhecido, da história que se faz e refaz, do percurso constante, e não simplesmente do descobrimento de um fato.

O livro “O mistério do samba”, fruto da pesquisa de doutoramento em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ defendida em 1994, contou com o esforço magistral do autor na busca pela garantia de um espaço de interlocução que não excluiria ninguém. O pesquisador Hermano Vianna teve certos cuidados para que sua linguagem acadêmica, fruto de seu ambiente de pesquisa, não fosse transportada para o livro, justamente porque sua intenção foi escrever para um público ainda mais amplo, composto por amantes do samba de modo geral. Preocupado em abordar o processo de nacionalização do samba, o autor procura responsabilmente discorrer sobre a relevância do cenário carioca como um dos símbolos do fortalecimento do samba para a ampliação territorial e midiática da cultura afro no Brasil, sem levantar uma bandeira radical em defesa do Rio de Janeiro como centro de aculturação do samba no Brasil, como alegavam outros estudiosos, a fim de não tomar partido em defesa de uma “unidade da pátria”.

É curioso saber que a relação do autor de “O mistério do samba” não aconteceu de forma intencional, ao contrário, foi um encontro espontâneo, como ele próprio afirma,

*Não tinha exatamente essa intenção quando entrei para o doutorado. A princípio, meu projeto era estudar o rock brasileiro, mas já centralizando a análise na relação entre o rock e cultura nacional brasileira. (...). Acabei totalmente seduzido pelo samba, que tomou conta de (quase) tudo. A sedução começou quando li a respeito de um encontro entre a turma de Gilberto Freyre e a turma de Pixinguinha. (Vianna, 2012. Pp. 14-15.)*

Esse encontro entre intelectuais e sambistas em geral não foi uma excepcionalidade, é muito comum em toda história do samba esse convívio, criticado por alguns, elogiado por outros o que importa é que a mistura que gerou o samba se fez pelas mais variadas formas, o que dá ao samba e o processo de sua produção um ar extremamente democrático. Como nos diz o Muniz Sodré em seu livro *Samba, o Dono do Morro*, a marginalização sócio-econômica do negro foi acompanhada por uma desqualificação de sua cultura (música, dança e religião), mas, no Rio de Janeiro podemos falar de uma resistência através das festas, reuniões familiares, bailes e temas religiosos foram se misturando a outras formas de sociabilidade incluindo o contato interétnico, é muito comum relacionar o partido alto com a influência nordestina do repente, embora saibamos da relevância do Jongo para essa modalidade de samba.

Diferente disso, daremos atenção ao samba pelo viés da subjetividade, da contemplação enérgica, abrupta e passional que ele faz despertar em seus devotos, visto que o samba “é corpo, é alma, é religião”. (Cruz; Rogé; Neto; 2014). Sobre o caráter recôndito que o autor faz menção, um de seus primeiros apontamentos é sobre a ideia que estava sendo construída por volta dos anos 1930 de uma “identidade do povo sambista” – uma temática que foi rigorosamente discutida por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Prudente de Moraes, entre outros intelectuais que influenciaram a defesa de uma identidade nacional, graças a um fascínio pela cultura popular carioca que estava sendo alimentado.

A pergunta a ser feita era a seguinte: “a quem cabe definir o que realmente é brasileiro?”, portanto “quem definia o que era digno de ser considerado genuinamente nacional? Quais as características necessárias para compor o que poderia ser entendido como identidade nacional?” (p.30). Essas questões inevitavelmente acabaram por constituir o mistério do samba, juntamente com o enigma da mestiçagem. São pesos aparentemente antagônicos – por um lado a elite carioca e nacional gesticulando possibilidades de criação e sustentação de uma identidade inquestionável; e por outro lado, a mestiçagem (considerada até então a causa dos males nacionais), mas que ao mesmo tempo corporificava o samba. Parece que tais distinções foram desaparecendo à luz dos encontros entre a turma do Freyre com a turma do Pixinguinha, como o autor verbaliza: “Um momento tão importante para a formação da ideia de um Brasil ‘destapado’, o ‘aflorentamento’

do Brasil autêntico”. (Pp. 32). Cercados de impasses, ideias contrárias e outras inquietações, tornava-se difícil uma concordância. Mas no que tange ao samba

Uma coisa é a aceitação – no meio dessa autenticidade – do samba, outra é o culto do samba, valorizado como símbolo de nossa originalidade cultural. (Vianna, 2012. Pp. 32)

O que Vianna suscita em sua pesquisa é que esse encontro entre camadas sociais e culturais distintas da sociedade revelou algo de novo no caráter de um povo que antes era assumidamente regionalista. Tomamos como exemplo, a música do Pará que não dialogava com a de Minas Gerais, a música da Região Sul, distante de uma relação com a música Caipira, por exemplo, e assim esse desencontro de culturas por todo o território nacional. Acontece que com o samba, proveniente de regiões da Bahia para a terra carioca, a lógica foi diferente. O encontro que poderia ser caótico e excludente, na verdade se tornou palco de interações sonoras, além de se contar com a contribuição de outros campos da cultura nordestina que também se acomodava nas casas das “Tias”.

*A música mais do que as outras artes, é descrita como tendo essa capacidade de, como dizia Antônio Cândido, realizar uma “quebra de barreiras”, servindo de elemento unificador ou de canal de comunicação para grupos bastante diversos da sociedade brasileira.* (Vianna, 2012. Pp. 33-34)

É importante ressaltar então que a construção do samba como um símbolo representativo da cultura nacional é fruto de um intercâmbio “músico-popular”. Ou seja, o encontro do grupo de negros, pobres e moradores dos subúrbios e morros do Rio de Janeiro (aqui se configura a camada dos compositores, cavaquinhistas, pandeiristas, violonistas) com o grupo dos intelectuais, jazzistas, oriundos de classes econômicas elevadas, gerou e sustentou o samba como identidade nacional, tendo em vista que a contribuição destes, mesmo que como espectadores ou incentivadores musicais, foi de fundamental importância.

## 1.2 O samba como representação do corpo

*Na cultura tradicional africana, a música não é considerada uma função autônoma, mas uma forma ao lado de outras – danças, mitos, lendas, objetos – encarregadas de acionar o processo de interação entre os homens e entre o mundo visível (o aiê, em nagô) e o invisível (o orum).* (Sodré, 1998. Pp. 21).

Outro pesquisador que muito contribui quando se trata de samba é o professor Muniz Sodré, que em *Samba, o dono do corpo* (1998) se propõe a tratar do sentido do samba na sociedade brasileira, considerando-o como uma manifestação advinda da cultura negra, e, conseqüentemente, de camadas populares – ou seja, uma cultura de resistência que encontrou uma dinâmica própria para se manter coesa e, acima de tudo, que representa a afirmação da identidade negra no Brasil.

Sobre a preservação da memória, da dança e dos costumes da cultura africana, o negro teve que se reinventar para que sua gama de rituais sobrevivesse à cultura branca. Novas incursões no mundo dos senhores e sinhas foram feitas. O negro modificou os batuques e a dança africana para que seus costumes fossem aceitos nos salões de festas (entendam que a ação foi coletiva e necessária para a possibilidade de continuidade de suas manifestações culturais). Esse foi apenas o começo da repressão.

*Como em toda a história do negro no Brasil, as reuniões e os batuques eram objetos de frequentes perseguições policiais ou de antipatia por parte das autoridades brancas, mas a resistência era hábil e solidamente implantada em lugares estratégicos, pouco vulneráveis.* (Sodré, 1998. Pp. 14-15)

Assim, podemos dizer que o samba a partir daí deixou de ser apenas uma manifestação cultural para tornar-se um instrumento da luta pela afirmação da cultura e identidade negra. Esse foi um grande passo para a legitimação da luta pelos espaços urbanos. Tomemos o som, o ritmo, a síncopa, ou seja, toda a estrutura musical do samba como variáveis de legitimação desta identidade. Como assevera Sodré,

*Todo som que o indivíduo humano emite reafirma a sua condição de ser singular, todo ritmo a que ele adere leva-o a reviver um saber coletivo sobre o tempo.* (Sodre, 1998. Pp. 21).

Além disso, a afirmação cultural do samba como identidade não se consolidou pelo ritmo, pela batucada, pela dança sincopada e seus cantos. Na verdade, essas características foram o que podemos chamar de “a chama” do processo histórico. Contudo, a garantia de cidadania e espaço social no território urbano só se daria por meio de entraves sociais<sup>1</sup>.

O samba de Nelson Sargento, *Agoniza, mas não morre* (1979) retrata a luta contra a dominação e a tirania advinda de uma cultura branca que marginalizava o samba e todos os traços africanos que representassem continuidade das raízes negras. De forma mais abrangente, uma das características da música negra é a gana de resistência, é a luta pela consolidação da identidade do samba. Da identidade de um povo.

Samba,  
Agoniza mas não morre,  
Alguém sempre te socorre,  
Antes do suspiro derradeiro.

Samba,  
Negro, forte, destemido,  
Foi duramente perseguido,  
Na esquina, no botequim, no terreiro.

Samba,  
Inocente, pé-no-chão,  
A fidalguia do salão,  
Te abraçou, te envolveu,  
Mudaram toda a sua estrutura,  
Te impuseram outra cultura,  
E você nem percebeu.

### 1.3 O “espírito associativo” de um povo

No artigo *Arqueologia do samba enquanto arqueologia do poder* (2015), Filipi Gradim compreende o samba como uma manifestação a-temporal, falando sobre a liberdade de um povo, sobre sua autonomia e o poder de vontade que este adquire em sua luta que pode ser entendida como uma resistência cultural nas chamadas casas das “Tias”, ou, em muito casos considerados como mães, afinal, aquele que frequentavam eram considerados seus “afilhados”. Não é à toa que foi batizada por um samba do Império Serrano de “mãe amor” por que deliberava sobre comunhão, espiritualidade, cuidava de seus convidados como se fossem filhos, passando valores e ensinamentos. O conjunto dessa relação foi denominado de “espírito associativo” – característica própria dos negros brasileiros, como salienta o autor.

*Livres foram os negros que puderam marcar presença na casa de Tia Ciata, afirmando com isso uma vontade há muito tempo acumulada de tensões e de esperanças, e que estava agora interessada em atualizar seu projeto, a saber: a fundação de uma vontade autônoma e de uma comunidade seleta onde essas vontades se encontrariam em nome da festiva afirmação de uma raça.* (Gradim, 2015. Pp. 78).

Tal espírito associativo do qual o autor fala aparece com frequência em letras de samba que relatam a receptividade com visitas (mesmo que inesperadas), a alegria da casa cheia, das panelas fartas com feijoadas bem temperadas, aguardente sem receio nas mesas e o samba de roda alastrando o ambiente a noite inteira, símbolo de uma generosidade, que talvez pudéssemos afirmar como pertencente à essência do Samba reeditado não somente no coração do Rio de Janeiro, mas em outras localidades onde o Samba é fenômeno de criação. Tomamos como exemplo para fins de ilustração, a letra do samba



*Pagode do Zé*, do compositor Geraldo Gamboa, nascido e residente na cidade de Campos dos Goytacazes.

Não fui convidado  
Nem fui avisado pro pagode do Zé  
Mas em casa de bamba  
Quem preside é o samba  
Você sabe como é  
Segura o pé  
Nós vamos chegar junto  
Eu morei no assunto  
Sei que é uma boa  
O boato que corre  
É que o Zé quase que morre  
Se der por falta de uma pessoa  
Não dá furo em convite  
Se alguém lhe pede caridade  
Nem só de pão vive o homem  
Essa é sua expressão. Oh, que felicidade!  
Pode contar comigo  
Só não vou por um castigo  
Na casa desse bamba  
E acima de tudo onde tem pandeiro e surdo  
Não pode faltar um samba.

### **É corpo, é alma, é religião**

Eu não nasci no samba, mas o samba nasceu em mim  
Quando eu pisei no terreiro, ouvi o som do pandeiro  
Me encantei com o tamborim  
Noite que tem lua cheia  
Meu coração incendeia  
Bate mais forte na marcação  
O povo sacode o pagode  
Batendo na palma da mão  
É corpo, é alma, é religião.

(Arlindo Cruz; Rogé; Arlindo Neto, 2014)

O trecho da música *É corpo, é alma, é religião* (Cruz; Rogé; Neto; 2014) se revela extremamente significativo para o que pretendemos abordar nesse trabalho. Um sentimento de desvelamento de si mesmo, a descoberta que nos surpreende, mas, ao mesmo tempo, que significa um reencontro com algo que sempre

esteve imanente e que, no entanto, para essa redescoberta é imprescindível esse ambiente que permite uma certa exposição às percepções de mundo e as necessidades mais implícitas, capaz nos dizer com evidência não “o que somos”, mas “quem somos”. Alguns poderão dizer que trata-se de um processo de identificação e pertencimento (Nixon, 1997) que só acontece no e pelo contato, mas talvez possamos ser mais ousados e dizer que trata-se de algo ainda mais fundamental, na medida em que nos conduz a certa ontologia de nós mesmos, na medida em que nos sinaliza para um sentido das nossas ações. E, sem dúvida nenhuma, esse momento só poderá se dar através do que podemos chamar de vivência prática. A identificação, como conceitua Sean Nixon em seu artigo *Exhibiting masculinity*, é um processo que nos leva a uma identificação com o outro, seja pela semelhança, seja pela diferença. O que poderia parecer contraditório se faz muito claro quando no processo de aculturação, por um processo de imposição esse sujeito não se permite aculturar, não identifica aqueles valores com seus, embora, em muitas situações ele próprio não tenha se reencontrado com o valor cultural que o identifica. Como a letra do Samba nos diz é o samba que renasce como se fosse uma espécie de reminiscência cultural, na identificação com a síncopa, o corpo acompanha o ritmo “quebrado” que se converte em prazer, em afinidade em identificação. A intimidade com o terreiro, o som típico do pandeiro e o encanto pelo tamborim misturado aos corpos desenvoltos e dançantes representam a linguagem própria do samba. E que linguagem é essa? Kathryn Woodward em *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual* (2014) salienta que a linguagem, assim como os sistemas simbólicos, são algumas das manifestações que estão na base da construção de uma identidade. (Pp. 8). Dizendo isso, dizemos também que por ser fruto de sistemas simbólicos, o samba, portanto é relacional e social (Woodward, 2014).

*(...) A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais.* (Woodward, 2014. Pp. 14)

Por outro lado, podemos também dizer que a identidade do samba só existe a partir de outras identidades, mas antropofagicamente o Samba se nutre de outras culturas, de outros saberes, aquilo que, aparentemente não deveria existir no samba, por se distanciar de seus símbolos, rituais e que, em princípio, não dialogaria com seu significante é incorporado por ele. Em outras palavras, a identidade, por assim dizer pode nascer da diferença.

Essa discussão na busca de uma construção no jogo da identidade, por vezes nos conduz a trilharmos um caminho estreito e perigoso, e os problemas se tornam mais graves se escolhermos tomar a ideia de identidade como algo fixo na sociedade, ou seja, uma vez construída, se torna imutável socialmente. Woodward em *Identidade e diferença*, e ainda Zygmunt Bauman (2005) ao discorrer sobre o tema a partir de uma entrevista realizada com Benedetto Vecchi salientam a necessidade de questionar quais os atributos definem o que pode ser chamado de identidade – uma vez que, segundo os autores, esse é um conceito que por muito tempo teve uma configuração extremamente fechada, sem se debruçar sobre questões que passam pela diferença, pelo jogo de poder, pela continuidade, pela cultura em movimento, pela dinâmica social e assim por diante. Nesse sentido, pelo que foi exposto anteriormente, não há sentido encaminhar uma discussão monológica, buscando fundamentar um sentido único, uma identidade autêntica e verdadeira do samba, e, principalmente, levando-se em conta o seu inegável percurso que não se negou a se expor a outras culturas e, por conseguinte, se reinventar. Por isso a interlocução entre Benedetto e Bauman sobre identidade fica bem caracterizada nessa passagem:

*(...) o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.* (Bauman, 2005. Pp. 17).

Bauman ainda ressalta que como vivemos uma época “líquido-moderna”, ou seja, a era das incertezas, das ideias oscilantes no ar, em um mundo fragmentado e mal coordenado, transita por diversas “comunidades de ideias e princípios” distintos. Essa análise, da sociedade atual talvez não faça sentido quando pensamos os primeiros anos de vida do samba no Rio de Janeiro. Os encontros envolvendo camadas sociais distintas, como mostrou Hermano Vianna, se tornou fundamental para a construção, confirmação e legitimação do samba como manifestação cultural, visto que ele já se fazia identidade de um povo bem antes disso – o povo negro. Ao mesmo tempo, levamos em consideração que com o passar das décadas o samba foi se modificando, ganhando novos moldes, e passou pela indústria mercadológica do rádio, da televisão e do cinema e para esses fins, como uma vez disse Carlos Lyra sofrendo a *Influência do Jazz* (1956), o samba foi se modernizando. E nesse sentido, ele se transforma.

Pobre samba meu

Foi se misturando se modernizando, e se perdeu

E o rebolado cadê? Não tem mais

Cadê o tal gingado que mexe com a gente

Coitado do meu samba mudou de repente

Influência do jazz. (Lyra, 1956).

E sobre as transformações sonoras, rítmicas e poéticas que o samba foi enfrentando, em um certo tempo as coisas não foram tão tranquilas, a retirada de alguns instrumentos centrais para a batida do samba, foi duramente questionada, como podemos ilustrar na queixa musicada por Paulinho da Viola em *Argumento* (1973).

Tá legal, eu aceito o argumento

Mas não me altere o samba tanto assim

Olha que a rapaziada está sentindo a falta

De um cavaco, de um pandeiro ou de um tamborim

Sem preconceito ou mania de passado

Sem querer ficar do lado de quem não quer navegar

Faça como um velho marinheiro

Que durante o nevoeiro

Leva o barco devagar. (Viola, 1973).

Toda identidade é historicamente específica (Woodward, 2014), portanto, não é espantoso pensar que antes de ser consagrado à música nacional, originalmente brasileira, o samba passou pela época de ser visto como música de malandro, desrespeitosa ou ainda sem o “rebuscamento” de outros estilos. Contudo, esses mesmos percalços serviram de base para o que chamamos de identidade do samba. De uma forma ou outra, o conceito e a significação de identidade de Stuart Hall (1997) trabalhado por Woodward, além de todos os caminhos que nos levam até ela nos mostram que identidade relaciona-se com símbolos sociais que nos formam em nosso dia a dia, e ela se relaciona à nossa necessidade de representação social. Não é uma simples escolha, ou um decisionismo, por que essa escolha não pode ser referendada, ela precisa atender a certos requisitos, não é pelo simples fato de nascer em Oswaldo Cruz ou Madureira que podemos nos servir disso como um argumento por autoridade, que basta um aceno para que eu me reconecte com um estado

latente. Talvez isso não seja suficiente. É preciso mais do que essa suposta formação inata, para além desse suporte, ou após nascer no samba é fundamental que o samba aflore em você e esse sentimento ou estado de espírito é algo imensurável.

Sendo assim, quando nos sentimos partes de um grupo somos responsáveis por repensar, defender seus princípios, compreender suas influências, e quando nos sentimos representados significa dizer que para essa escolha, outras centenas foram negadas.

Bauman e Vecchi (2005) foram capazes de problematizar as raízes do conceito de identidade e sobre sua consistência ou continuidade. O que nos importa pensar neste trabalho é que o formato do samba por vezes pode e deve sofrer alterações – contudo, não o desmerecer enquanto uma identidade que foi construída na história, pelos morros e quintais de roda de samba com auxílio luxuoso dos tamborins, atabaques, danças tribais, cachaças e quitutes. Ao contrário: aceitamos que o processo de afirmação de uma identidade está, por sua vez, calcado na interação com a história e com os seus atores sociais. Se não fosse assim, estaríamos vivendo de passado, retrocessos, memórias empoeiradas, abarcadas de restrições e embargos. E isso, meu caro leitor, definitivamente não é coisa de samba.

### **Considerações finais**

Por vezes identidade e alteridade, como vimos, se constroem sob a mesma base, levando-se em conta os princípios de semelhança e diferença. Ambas são fundamentais para se medir o peso que as representações simbólicas possuem no tocante a um sistema de identificação e de práticas de significação, como é o caso do samba. Relembramos da sua importância para a construção de identidade nacional em um momento onde se clamava por unificação, mas salientamos na mesma medida, a relevância de se pensar o samba como uma manifestação que representa uma coletividade (que age na sociedade e transforma seu tempo), tendo em vista outras que existem. Abrindo questões a partir do entendimento dessa pluralidade que se manifesta em tudo, nos símbolos, nas sonoridades, nas danças ou nos sabores. E nesse percurso variadas linguagens são construídas no interior do samba, linguagens rítmicas, construções de simbologias, por que assim como toda linguagem é viva por que se nutre das relações sociais, o samba entendido como linguagem também se mantém vivo, na medida em que se recria nas constantes relações sociais, que nunca se privou de participar, assim como nunca privou àqueles que visitaram e ainda visitam as casas das “Tias”.

### **Referências**

- Bauman, Zygmunt (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bornheim, Gerd (2001). *Metafísica e Finitude*. São Paulo: Perspectiva.
- Gradim, Filipi (2015). “Arqueologia do samba enquanto arqueologia do poder”. In: Silva, Wallace Lopes (Org.). *Sambo, logo penso: Afroperspectivas filosóficas para pensar o samba*. Rio de Janeiro: Hexis: Fundação Biblioteca Nacional. Cap. 4. p. 57-84.
- Nixon, S. (1997). “Exhibiting masculinity”. In: HALL, S. (org.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. Londres: Sage/The Open University.
- Sodré, Muniz (1998). *Samba, o dono do corpo*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Mauad.
- Velho, Gilberto (1981). “Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas”. In: *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, p. 13-37.
- Vianna, Hermano (2012). *O mistério do samba*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Woodward, Kathryn; Hall, Stuart; Silva, Tomaz Tadeu da (2014). “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes. Cap. 1. p. 7-72.

## Vídeos

*Argumento*. Produção de Paulinho da Viola. Intérpretes: Paulinho da Viola. Música: Argumento. 2008. (2 min.), DVD, son., color. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=T1gB9Dwn7Ek> >. Acesso em: 25 out. 2015.

*Coração a bater*. Intérpretes: Maria Rita. Música: é Corpo, é Alma, é Religião. 2014. (3 min.), DVD, son., color. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Ud2Axe3pKXg> >. Acesso em: 25 ago. 2015.

*Sonho de um sambista*. Produção de Nelson Sargento. Intérpretes: Nelson Sargento. Música: Agoniza, Mas Não Morre. 1979. (3 min.), son., P&B. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GaSfqESq50w> >. Acesso em: 25 out. 2015.

*Só danço samba - ao vivo*. Produção de Carlos Lyra. Intérpretes: Emílio Santiago. Música: Influência do Jazz. Rio de Janeiro, 2011. (3 min.), DVD, son., color. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=37Xeqr3jG8E> >. Acesso em: 25 out. 2015.

---

<sup>i</sup> Muniz Sodré chama esse processo de “reterritorialização” cf. *Samba, o dono do corpo*. P. 36.